

**Desinformação em meio à pandemia:
análise da disseminação de fake news na rede social Twitter**

*Disinformation amidst of the pandemic:
analysis of the spread of fake news on the social network Twitter*

Leonardo Pereira TAVARES¹
Marina MAGALHÃES²
Higor Costa de BRITO³

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a disseminação de notícias falsas derivadas de informações relacionadas à pandemia de COVID-19 no Brasil. A metodologia utilizou dados fornecidos pelo Twitter, entre os dias 7 e 28 de junho de 2020, quando palavras-chave associadas a notícias relacionadas à pandemia foram utilizadas como termo de busca. Os resultados ilustraram o conteúdo das fake news e identificaram motivações políticas e ataques diretos à imprensa e à liberdade de expressão. A partir da quantificação, constatou-se uma disseminação expressiva de notícias falsas, que em alguns casos ultrapassa a quantidade de interações de notícias verdadeiras. Por fim, conclui-se que diversas notícias associadas à pandemia são distorcidas diariamente e utilizadas para depreciar instituições e grupos políticos, fazendo com que algumas pessoas desacreditarem de grandes veículos de imprensa e até mesmo questionarem a existência da doença.

Palavras-chave: Desinformação. Fake news. Pandemia. Brasil. Twitter.

Abstract

This study aims to analyze the spread of fake news derived from information related to the COVID-19 pandemic in Brazil. The methodology used data provided by Twitter, from 7 to 28 June 2020, when keywords associated with pandemic-related news were used as a search term. The results illustrated the content of fake news and identified political motivations and direct attacks on the press and freedom of expression. Based on the quantification, there was an expressive spread of false news, which in some cases exceeds the number of truthful news interactions. Finally, it is concluded that uncountable news associated with the pandemic are distorted daily and used to disparage institutions and political groups, causing some people to discredit in the leading media and even question the existence of the disease.

¹ Graduando em Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: leonardoptavares@outlook.com

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Professora do curso de Comunicação Social (Educomunicação) na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: marinamagalhaes@msn.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental (PPGECA) da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: h_igor@hotmail.com

Keywords: Misinformation. Fake news. Pandemic. Brazil. Twitter.

Introdução

A partir do processo de integração política, econômica e cultural mundial conhecido como globalização, o planeta passou por diversas modificações. O advento da internet e a consequente ampliação dos meios de comunicação potencializaram a transformação do mundo em uma espécie de aldeia global (MCLUHAN, 1969), com o encurtamento das distâncias e a interligação de humanos e não humanos em pontos distintos do planeta. Isso originou uma miríade de fenômenos e levou outros já existentes a um alcance global, como demonstram os diversos termos usados para denominar tais transformações, a exemplo de “fake news”.

As “notícias falsas”, em tradução livre, ganharam alcance e velocidade com a difusão das redes sociais, que possibilitam compartilhamento de informações de todo o gênero, incluindo aquelas descontextualizadas ou equivocadas. Segundo Santaella (2018), a falsidade das notícias não é algo novo, existe desde a Grécia antiga, porém se intensificou na era digital, pois a avalanche de informações que recebemos eleva os impactos da desinformação a outros patamares. A autora explica que as fake news podem vir de chamadas e imagens sensacionalistas, usadas para causar uma atração maior ao seu usuário; propagandas criadas para enganar o consumidor da informação, ao promover pontos de vistas tendenciosos, sobretudo com fins políticos e até as notícias paródicas, criadas para entreter e provocar o riso fácil.

O conceito de fake news costuma ser confundido muitas vezes com o de pós-verdade, uma vez que ambos se assemelham de alguma forma, pois estão associados à ideia de desinformação. Os estudos sobre pós-verdade ganharam espaço no período eleitoral norte-americano em 2016, sendo considerada pelo Dicionário Oxford como palavra do ano (GENESINI, 2018). Embora os termos possam ser confundidos, a pós-verdade traz como premissa absorver a notícia e criar a sua própria verdade, seja a partir de seus dogmas pessoais, preferências políticas ou até mesmo pelo achismo. Sobre o tema, o historiador Leandro Karnal (2017) definiu que a pós-verdade “é uma seleção

afetiva de identidade, através da qual os indivíduos se identificam com as notícias que melhor se adaptam aos seus conceitos”⁴.

Segundo Kreitner (2016), a palavra pós-verdade foi utilizada pela primeira vez por Steve Tesich em 1992, com o caso que ele intitulou da “Síndrome de Watergate”, no qual foram reveladas irregularidades por parte do gabinete do então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon. Contudo, Nixon foi perdoado pela população que, segundo relatos publicados na *The Nation*⁵, começou a fugir da verdade: “chegamos a equiparar a verdade com más notícias e não queríamos mais más notícias, por mais verdadeiras ou vitais para nossa saúde como nação”. Nesse contexto as pessoas começaram, a partir de seus anseios, a criar suas próprias narrativas.

A problemática das fake news não é algo novo, porém diversos termos e formas de interpretação foram utilizadas ao longo das civilizações. Entretanto, no mundo globalizado esse problema se torna cada vez mais comum no cotidiano das pessoas, impulsionado pelo uso massivo de computadores (robôs), que replicam a mesma notícia falsa e pressionam pessoas com centenas de milhares de posts, buscando massacrar opiniões adversas (MARCONDES FILHO, 2019).

Com a pandemia de COVID-19 em 2020, fake news relacionadas à doença começaram a surgir, sendo estas para favorecimento de empresários e suas marcas, a fim de obter lucros diante da situação, ou para prejudicar pessoas, colocando suas vidas em risco com notícias falsas sobre medicamentos, vacinas. Com o objetivo de lançar um olhar para a questão da disseminação de notícias falsas derivadas de informações relacionadas à pandemia de COVID-19, no Brasil, este estudo analisou as publicações feitas na rede social Twitter, no período compreendido entre 7 e 28 de junho de 2020, identificando notícias falsas e sua repercussão.

Fake news: contexto histórico

Assim como a pós-verdade, os estudos sobre as fake news ganharam foco após as eleições presidenciais norte-americanas de 2016, quando foi possível notar de forma mais evidente o perigo da desinformação e suas consequências (SOUSA et al., 2018).

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qIM89h80cSk>. Acesso em 4 de junho de 2020.

⁵ Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-current-moment/>. Acesso em 5 de junho de 2020.

As fake news podem ser bastante danosas para seus receptores, principalmente quando não existe no indivíduo o hábito de verificar em outras fontes de informações a veracidade dos fatos. Um estudo desenvolvido pela Universidade de Columbia e o Instituto Nacional Francês indicou que 59% dos links compartilhados em redes sociais não chegam a ser clicados para checagem de veracidade (GABIELKOV et al., 2016).

Geralmente as fake news são criadas em torno de fatos polêmicos, como situações governamentais ou envolvendo pessoas públicas, com o objetivo de prejudicar ou beneficiar a imagem de uma marca ou indivíduo. Segundo Roxo e Melo (2018, p.16), as fake news “também contribuem para a fragilização dos códigos sociais de conhecimento relativos à comunidade jornalística”. O ápice dessas notícias falsas se dá através da internet e das redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e do Whatsapp, já que segundo um estudo realizado por Koslowski (2020) o Brasil é líder mundial quando se trata de buscar informações através do Whatsapp.

São vários os objetivos existentes para a criação das fake news, um bastante comum é a “trollagem” (derivado do termo inglês *trolling*), gíria geralmente utilizada por jovens na internet para criar uma situação cômica para quem vê ou lê, com a finalidade de constranger e perturbar sua vítima (NICOL, 2012). Entretanto, esse comportamento pode ser uma brecha para circulação das informações errôneas. Outro ponto é a tentativa de enganar e persuadir uma determinada pessoa ou grupo, geralmente esse posicionamento é utilizado para favorecer o interesse político, social ou religioso.

No Brasil, durante a eleição presidencial em 2018, o termo fake news se popularizou rapidamente em virtude da avalanche de informações que não representavam a veracidade dos fatos, trocadas nas campanhas e militâncias de diversos partidos. Uma das notícias falsas que foi um dos virais da eleição foi o “kit gay”, termo intitulado pelo ex-candidato e atual presidente da República Jair Messias Bolsonaro para sugerir que o então candidato à presidência – e seu principal oponente - Fernando Haddad teria criado uma cartilha e demais adereços que incentivava estudantes a se tornarem gays, quando foi Ministro da Educação. Entretanto, o fato era que se tratava de um kit anti-homofobia, segundo Oliveira Júnior e Maio (2017), constituído “como um conjunto de instrumentos didático pedagógicos com a proposta de desconstruir estereótipos sobre a população de alunos/as LGBTQIA estabelecendo um convívio democrático com a(s) diferença(s)”. Vários sites chegaram a desmentir a notícia,

entretanto a fake news tomou grandes proporções, intrigando diversos eleitores e beneficiando o até então candidato Bolsonaro (MARIZ, 2019, p. 42)

A pandemia no cenário brasileiro

Munir-se de informações e fatos na era das fake news pode se tornar um desafio, principalmente em um cenário de pandemia mundial, quando surge no final de 2019 o vírus SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19. Os primeiros indícios da doença ocorreram em Wuhan, China e rapidamente se espalharam pelo mundo (SILVA et al., 2020). O vírus pertence à família *Coronaviridae* e teve mutações de sua estrutura percebidas em algumas pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos e no Reino Unido, o que preocupa alguns cientistas (SCHRAER, 2020).

No dia 3 de fevereiro de 2020, o governo brasileiro decretou Emergência de Saúde Pública (MURAKAWA; SCHUCH, 2020), com receio de que a COVID-19 se alastrasse rapidamente pelo país. Diante do alerta do governo brasileiro, as fake news começaram a surgir e se espalhar rapidamente. As pessoas passaram a receber e a compartilhar uma infinidade de notícias falsas.

No Brasil o primeiro caso oficial de COVID-19 ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020, um senhor que havia visitado a Itália. Onze dias após o primeiro caso o país já contabilizava 25 pessoas infectadas pelo vírus (MACEDO; ORNELLAS; BOMFIM, 2020). Os dados crescentes de infectados no Brasil é alarmante, até o dia 25 de junho de 2020 o país contabilizava 1.408.485 de habitantes que testaram positivo para a COVID-19, com mais de 59 mil óbitos registrados oficialmente (PESSOA; VICENTINI, 2020).

Segundo Sousa Júnior et al. (2020), uma das principais dificuldades na luta contra a COVID-19 tem sido a disseminação de informações de como se prevenir o vírus, pois até o dia 7 de junho de 2020 ainda não existia um medicamento eficiente para o tratamento ou vacina.

Diante essa problemática, torna-se necessário fornecer à população informação sobre os fatos, a fim de fazer com que esta desenvolva o poder de conscientização, sobre como lidar com a pandemia, cuidar da própria saúde e da saúde do próximo. Para Tavares, Júnior e Magalhães (2020), torna-se necessário cada vez mais saber onde procurar as informações, tendo consciência da sua importância e do comprometimento

do compartilhar. Pois, em alguns casos a falta de informação ou sua ilegitimidade pode causar danos graves e irreparáveis na sociedade.

Nota-se, assim, que a realidade atravessada pela pandemia tem modificado a sociedade, pois para diminuir o risco de contaminação desse vírus é necessário o fechamento de escolas e de locais públicos, distanciamento de idosos e grupos de riscos (BROOKS et al., 2020). Consequentemente, o tempo das pessoas na internet multiplicou e, com isso, a circulação de mensagens falsas.

Para auxiliar a população mundial com a circulação de informações falsas foram surgindo plataformas de *fact-checking*, termo inglês de tradução livre “checagem dos fatos”. A checagem de fatos parte do princípio de descartar fake news que tomaram grandes proporções nos meios de comunicação, sendo importante para neutralizar a circulação dessas desinformações (VALENTIM, 2019).

Durante o período de pandemia do COVID-19 uma ação bastante positiva das plataformas de *fact-checking* foi a criação de uma plataforma intitulada de CoronavírusVerificado⁶. Essa *homepage*, apoiada pela Google News, conta com a colaborações de diversos sites de *fact-checking* da América Latina, da Espanha e de Portugal com intuito de combater as fake news a nível mundial durante esse período pandêmico.

Para facilitar também essas checagens dos fatos e informações o Ministério da Saúde⁷ aproveitou seu site para sinalizar as informações falsas como “É VERDADE” e “É FALSA”, listando diversas fake news compartilhadas pela população. Nesta listagem, que serve como forma de *fact-checking*, é possível fazer a busca por determinados termos e verificar sua veracidade. Tais iniciativas aqui destacadas, dentre uma infinidade de ações de combate às notícias falsas criadas após a emergência do novo coronavírus, revelam como a desinformação pode se constituir como um agravante dentro da já problemática situação de pandemia.

Metodologia

O estudo empírico deste artigo pode ser dividido em três etapas. A primeira consistiu na solicitação do acesso as informações da rede social Twitter, escolhida por

⁶ Disponível em: <http://coronaverificado.news/>. Acesso em 27 de junho de 2020.

⁷ Disponível em: <https://www.saude.gov.br/component/tags/tag/novo-coronavirus-fake-news>. Acesso em 27 de junho de 2020.

ser uma das mais populares no Brasil, com 326 milhões de usuários ativos em 2019⁸, e por fornecer acesso gratuito aos dados publicados, por meio da plataforma de desenvolvedor⁹. A partir do preenchimento de formulários de adesão, os autores foram habilitados ao acesso a dados públicos de conversação de toda a rede social. A pesquisa utilizou uma conta padrão gratuita, capaz de analisar publicações de conteúdo no Twitter e obter dados disponíveis em grandes volumes nos sete dias anteriores a cada solicitação.

A segunda etapa englobou a obtenção e exportação dos dados, para isso utilizou-se a linguagem de programação R¹⁰ (TEAM, 2013). A coleta de dados ocorreu durante três semanas, em dias e horários pré-estabelecidos (aos domingos, às 19 horas), de forma a englobar a maior quantidade de notícias que contribuíssem com a disseminação de fake news no contexto da pandemia de COVID-19. Dessa forma, nos dias 14, 21 e 28 de junho de 2020 os dados foram coletados (abrangendo o intervalo temporal de 7 a 28 de junho de 2020), utilizando palavras-chave com base nas notícias mais disseminadas durante cada semana, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Calendário de coleta de dados

07/06/2020 - 28/06/2020						
domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
junho 7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
1ª Coleta de dados						
21	22	23	24	25	26	27
2ª Coleta de dados						
28	29	30	julho 1	2	3	4
3ª Coleta de dados						

Período englobado pela primeira coleta de dados

Período englobado pela segunda coleta de dados

Período englobado pela terceira coleta de dados

* A coloração gradiente indica que o dia em questão forneceu dados para duas coletas.

Fonte: Elaboração própria.

Cada busca analisou o total de 1 milhão de postagens (*tweets*) no idioma português, resultando em uma listagem com publicações que possuíam a palavra-chave

⁸ Segundo o relatório Digital in 2019, do site We Are Social. Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em 30 de junho de 2020.

⁹ Disponível em: <https://developer.twitter.com/>. Acesso em: 5 de junho de 2020.

¹⁰ R é uma linguagem e um ambiente de desenvolvimento integrado, para cálculos estatísticos e gráficos.

buscada. Foram elencados os vinte *tweets* originais mais relevantes, publicações oriundas de compartilhamento (*retweets*) foram desconsideradas com o intuito de facilitar a análise dos dados, com base na quantidade de interações (*likes*) recebidas.

A primeira coleta buscou *tweets* contendo a palavra “assintomática”, a busca ocorreu no dia 14/06/2020, às 19 horas. O termo foi escolhido com base na vinculação de notícias que distorciam o discurso da diretora de Doenças Emergentes da Organização Mundial da Saúde (OMS), Maria Van Kerkhove, ocorrido no dia 08/06/2020, data em que algumas pessoas começaram a compartilhar notícias afirmando que “a OMS concluiu que assintomáticos não têm potencial de transmitir COVID-19”. A segunda coleta, realizada no dia 21/06/2020, às 19 horas, utilizou como termo de busca a palavra “dexametasona”, escolhido a partir da grande repercussão dos resultados apresentados por cientistas da Universidade de Oxford no dia 16/06/2020, demonstrando que houve redução de um terço das mortes em pacientes que precisavam de tratamento com oxigênio e receberam o corticoide dexametasona.

Por fim, a terceira coleta realizada no dia 28/06/2020, às 19 horas, buscou a palavra “Anhembi”. O termo foi escolhido em virtude de notícias falsas que afirmavam que o Hospital Municipal de Campanha do Anhembi, em São Paulo, encontrava-se vazio. Posteriormente, diversos vídeos de pontos de infiltração no hospital foram publicados, relatando que o mesmo possuía problemas no telhado e, após as chuvas ocorridas no dia 27/07/2020, havia sido alagado. A prefeitura da cidade confirmou os problemas de vazamento no telhado, porém, afirmou que o vazamento ocorreu numa área que não estava em funcionamento, assegurando que nenhum dos 220 pacientes que estavam internados nesse dia havia sido prejudicado.

Os resultados de cada busca foram exportados em formato de planilhas e posteriormente analisados. A última etapa consistiu na análise dos resultados, com base nas informações fornecidas pelo Twitter para cada *tweet* que continha a palavra-chave buscada. Primeiramente, foram identificadas as postagens que disseminavam notícias falsas, posteriormente checadas na própria rede social, após a constatação da fake news foram contabilizados a quantidade de *likes* e *retweets* que a publicação obteve.

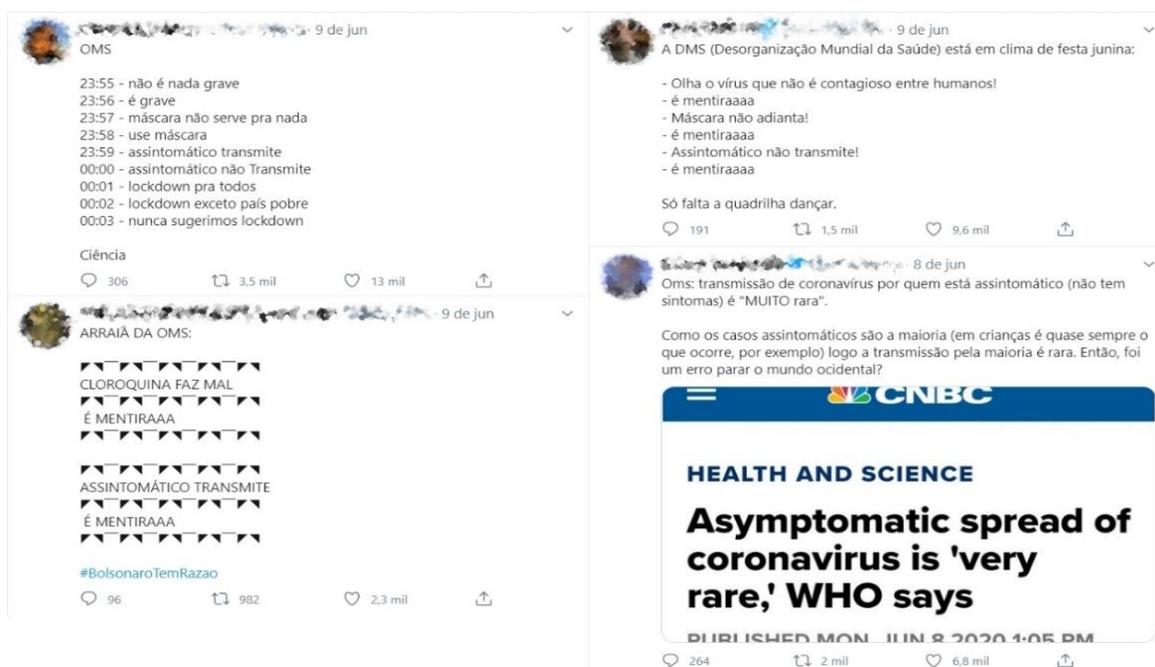
Os vinte *tweets* mais relevantes (que continham maior quantidade de *likes*) foram classificados como notícia verdadeira, fake news ou publicação inconsistente. As publicações consideradas inconsistentes foram aquelas que não estavam relacionadas diretamente ao assunto (quando o termo foi utilizado de forma arbitrária em publicações

não direcionadas a COVID-19) ou quando a publicação possuía caráter humorístico, por meio de memes, que segundo Blackmore et al. (2000) são caracterizados por histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que copiamos de uma pessoa para outra através da imitação.

Resultados e discussões

A primeira coleta de dados resultou em 6.279 *tweets*. A partir da análise dos vinte mais relevantes, foram identificados seis *tweets* que compartilharam de forma verídica as informações do discurso de Maria Van Kerkhove; seis *tweets* foram considerados inconsistentes e oito deles disseminavam informações falsas. As quatro publicações classificadas como fake news com maior número de *likes* obtidas nessa coleta encontram-se na Figura 2 e, conforme acordado na política de privacidade do Twitter, as autorias das publicações foram preservadas.

Figura 2 – Publicações com informações falsas contendo o termo “assintomático”



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter.

Através da análise dos *tweets* classificados como fake news que continham o termo assintomático, percebe-se que as oito postagens contabilizam um total de 37.273 *likes* e 9.424 *retweets*. A maior parte das fake news resultantes possuem frases que

visam prejudicar a imagem da OMS, dando a entender que a organização não possui firmeza em suas decisões e, portanto, as medidas de contingenciamento por ela adotadas podem ter sido equivocadas. Frases como “assintomático não transmite”, “máscara não serve para nada”, “o vírus não é contagioso” e “a transmissão pela maioria é rara” deturpam as informações divulgadas pela OMS e servem de argumento para grupos contrários a um isolamento social mais abrangente.

Diante um cenário de incertezas, como é o caso da pandemia de COVID-19, declarações contraditórias feitas por agências especializadas geram inúmeros questionamentos que, mesmo após retratações, levam sujeitos que se opõem as suas ideias a produzir e disseminar notícias falsas, em sua maioria com textos sensacionalistas em busca de converter mais pessoas a apoiar a sua causa. Vale salientar que, até o momento de elaboração desse estudo, não é possível estimar a capacidade de transmissão do coronavírus em pessoas assintomáticas e, mais importante, qual o potencial desse modo de disseminação no progresso da pandemia (RUPRECHT, 2020).

A segunda coleta de dados resultou em 4.350 *tweets*, e a partir das vinte publicações mais relevantes, foram identificados 13 *tweets* que compartilharam de forma verídica as informações referentes ao corticoide dexametasona, sendo cinco *tweets* considerados inconsistentes e dois deles disseminavam informações falsas. As duas publicações classificadas como fake news nessa coleta encontram-se na Figura 3.

Figura 3 – Publicações com informações falsas contendo o termo “dexametasona”



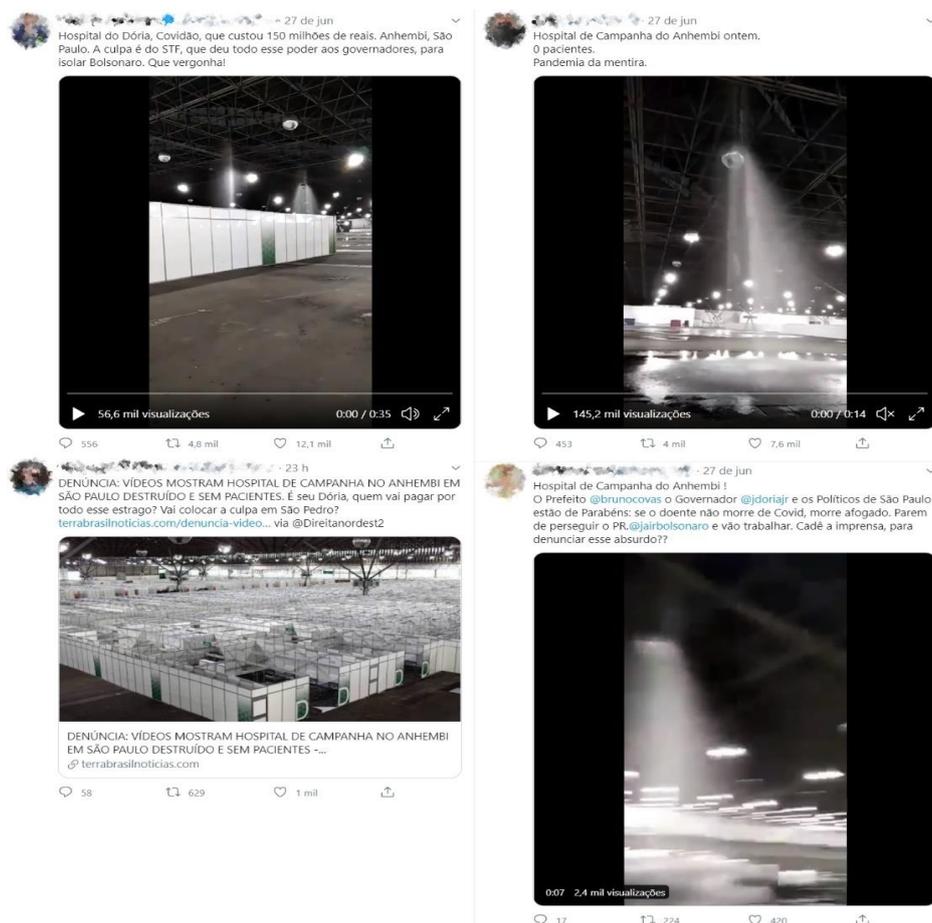
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter.

As fake news encontradas abordam aspectos distintos sobre o tema, a primeira corresponde a uma resposta a uma publicação de uma deputada federal. Nesta, o sujeito ironiza o fato de a parlamentar Joice Hasselmann não acreditar em medicamento sem eficácia científica comprovada; entretanto, o usuário erroneamente incluiu entre eles a dexametasona, que no momento de sua postagem já possuía eficácia comprovada¹¹. A atitude é decorrente de diversos embates entre órgãos públicos nacionais e internacionais, que divergem em relação ao tratamento adequado para os pacientes vítimas do COVID-19. Dessa forma, publicações irônicas que colocam um medicamento com eficácia comprovada no mesmo patamar de drogas sem nenhuma comprovação científica põem em risco a vida de pessoas que realizam de forma inconsequente a automedicação.

A segunda publicação também disserta de forma irônica sobre o uso da dexametasona. Nesta, o usuário alerta que caso o presidente apoie o uso do medicamento a imprensa iniciará uma “cruzada” contra o uso do fármaco. Ataques contra os órgãos de imprensa vêm ocorrendo de forma preocupante no país, diversos jornalistas foram agredidos e ameaçados durante a cobertura da pandemia. Dessa forma, contribuir deliberadamente para o ataque a veículos de imprensa pode incitar e catalisar novas ações contra a liberdade de expressão.

Conforme mencionado anteriormente, a terceira coleta ocorreu após problemas técnicos decorrente das chuvas no Hospital Municipal de Campanha do Anhembi. A busca pela palavra “Anhembi” resultou em 2.082 *tweets*, sendo os vinte mais relevantes divididos entre nove publicações consideradas verdadeiras, quatro inconsistentes e sete fake news. As quatro notícias falsas de maior repercussão estão ilustradas na Figura 4, que demonstra como a maioria utiliza vídeos gravados no hospital como forma de comprovar o conteúdo da publicação, contabilizando mais de 200 mil visualizações.

¹¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53068028>. Acesso em 30 de junho de 2020.

Figura 4 – Publicações com informações falsas contendo o termo “Anhembi”

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter.

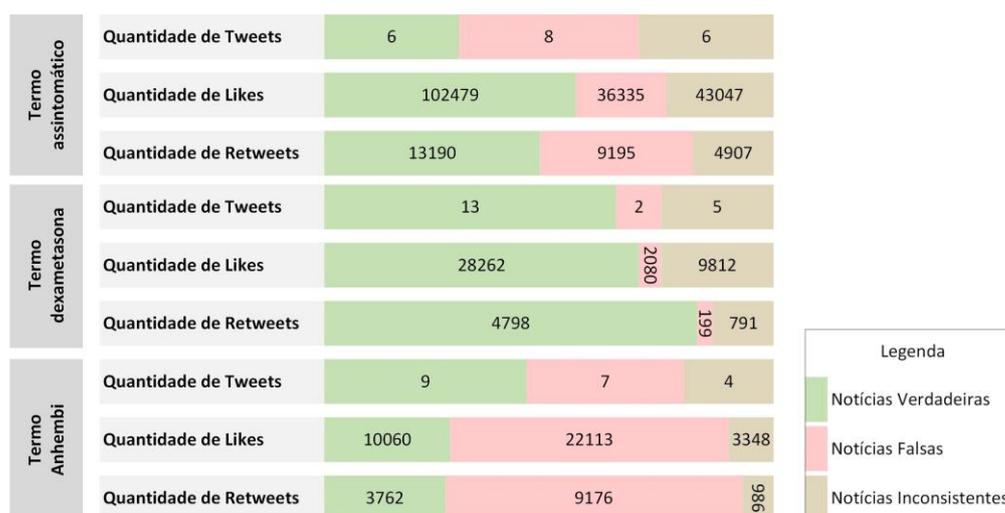
Diversas motivações políticas foram constatadas entre as fake news listadas durante todo o processo de construção desse estudo, entretanto, tais motivações se destacaram no caso dos problemas técnicos do Hospital Municipal de Campanha do Anhembi. A maioria busca encontrar um culpado pelos erros cometidos durante o processo de adaptação à nova realidade criada pela pandemia. O primeiro *tweet* culpa o Supremo Tribunal Federal (STF), que segundo o usuário, deu “todo esse poder” aos governadores, tendo com o intuito principal isolar o presidente da república. Um fato importante a ser ressaltado, que descredibiliza a publicação, é que a responsável pelo hospital é a Prefeitura de São Paulo, logo o governo do estado não seria o principal responsável pela gestão da infraestrutura do local.

Entre as publicações, duas abordam o fato de o hospital não possuir pacientes. Vale salientar que o Hospital Municipal de Campanha do Anhembi nunca atingiu a sua capacidade máxima de ocupação. Porém, esse hospital possuía pacientes em seus leitos

no período da publicação, conforme boletins diários divulgados pela secretaria de saúde municipal (SÃO PAULO, 2020). Um dos *tweets* também aborda a questão de que “se o paciente não morre de Covid, morre afogado”, fato já desmentido pela prefeitura do município, que afirma que no local atingido pelas infiltrações não havia leitos ativos.

Com o intuito de abordar quantitativamente a repercussão dos *tweets* mais relevantes, os dados foram somados de acordo com cada classificação. A Figura 5 retrata as quantidades e proporções de cada tipo de notícia, divididas por termo de busca.

Figura 5 – Quantificação das publicações relevantes de acordo com cada termo de busca



*A largura de cada retângulo é proporcional a sua quantidade

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar a figura, nota-se a predominância da vinculação de notícias verídicas, cerca de 47% das publicações analisadas repassaram informações que condizem com a realidade. Embora exista um maior número de informações verídicas, vale ressaltar que, se compararmos a quantidade de *retweets* por *tweet*, temos que cada fake news obteve em média 1.092 *retweets*, enquanto as publicações verídicas possuem uma média de 777 *retweets*, fato que evidencia o empenho de alguns usuários em compartilhar tais notícias com demais usuários da rede social.

Os dados resultantes da terceira coleta evidenciam esse compartilhamento desenfreado de notícias falsas. As buscas pelo termo Anhembi apresentaram números mais expressivos de *likes* e *retweets* nas fake news, uma vez que essas, mesmo possuindo uma menor quantidade de *tweets* em relação as notícias verdadeiras,

apresentaram 220% mais *likes* e 244% mais *retweets* que as informações verídicas. Tais resultados demonstram a facilidade de disseminação de notícias falsas, que mesmo em menor quantidade são capazes de alcançar um público muito elevado e, em alguns casos, até maior que as notícias que compartilham informações de forma correta.

Considerações finais

Diante do cenário de pandemia do COVID-19, os brasileiros se deparam diariamente com uma miríade de notícias falsas, impulsionadas pelo empenho de uma série de atores, humanos (usuários) e não humanos (robôs) para disseminá-las. O Twitter, assim como outras redes sociais, tem sido utilizado como fonte de informação (e desinformação) para diversos públicos. Por apresentar notícias de forma rápida e resumida, os usuários entram em contato com tipos distintos de informação. A falta de interesse ou até mesmo de tempo para uma busca aprofundada sobre o tema pode ocasionar a disseminação, algumas vezes de forma inconsciente, de notícias falsas.

Mensurar os danos causados pela desinformação é algo extremamente complexo e impreciso, pois a socialização das pessoas fora do meio digital também é capaz de propagar verbalmente as fake news. Projetos de Lei como o 1258/20, que criminaliza a divulgação de notícias falsas durante períodos de calamidade pública, buscam combater a disseminação dessas notícias. Entretanto, assim como a Lei nº 13.834 de 04 de junho de 2019, essa criminalização é muito delicada e acompanhada de inúmeras críticas. Afinal, como separar ingenuidade, precariedade de informação e má intenção em um submundo infinito como o das redes sociais? E além disso, como obter apoio e o acesso ilimitado a todas as informações contidas nas redes sociais?

Tais questionamentos ainda não são facilmente respondidos. Porém, diante dos resultados apresentados, é possível perceber que alguns políticos, partidos e entidades utilizam a disseminação de notícias falsas para se promover e conseqüentemente se manter no poder durante o período de pandemia. Dessa forma, enquanto o combate a esse processo representar uma ameaça direta à permanência desses atores, não deve haver empenho na luta contra a desinformação e seus seguidores se dedicarão cada vez mais a omitir e a distorcer a gravidade da doença COVID-19.

Referências

BLACKMORE, S.; DUGATKIN, L. A.; BOYD, R.; RICHERSON P. T.; PLOTKIN, H. The power of memes. **Scientific American**, v. 283, n. 4, p. 64–73, 2000.

BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; GREENBERG, N.; RUBIN, G. J. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912–920, 2020.

DE SOUSA JÚNIOR, J. H.; RAASCH, M.; SOARES, J. C.; DE SOUSA, L. V. H. A. Da desinformação ao Caos: uma análise das Fake news frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. v. 13, n. 2, 2020.

GABIELKOV, M.; RAMACHANDRAN, A.; CHAINTREAU, A.; LEGOUT, A. Social Clicks. **ACM SIGMETRICS International Conference on Measurement and Modeling of Computer Science**. New York, USA: ACM Press, 2016.

GENESINI, S. A pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, n. 116, p. 45, 2018.

KARNAL, L. **Pós-Verdade**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=qIM89h80cSk>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

KOSLOWSKI, D. R. **Fake news e o combate à desinformação**: um estudo de caso da agência de checagem lupa. 2019. 73 f. Monografia de graduação apresentado à coordenação do curso de Jornalismo – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2019.

KREITNER, R. **Post-Truth and its consequences**: what a 25-year-old essay tells us about the current moment. Disponível em:
<<https://www.thenation.com/article/archive/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-current-moment/>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

MACEDO, Y. M.; ORNELLAS, J. L.; BOMFIM, H. F. do. Covid – 19 no Brasil: o que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar**, v. 395, p. 1–10, 2020.

MARCONDES FILHO, C. Fake news: o buraco é muito mais embaixo. In: FIGUEIRA, J.; SANTOS, S. (Orgs.). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Coimbra University Press, 2019. p. 17-32.

MARIZ, E. B. **Educação sexual**: uma reflexão sobre sua inserção nas escolas. 2019. 73 f. Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação de curso de Serviço Social – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Novo coronavírus fake news**. Disponível em:
<<https://www.saude.gov.br/component/tags/tag/novo-coronavirus-fake-news>>. Acesso em: 27 de jun. de 2020.

MURAKAWA, F.; SCHUCH, M. **Brasil declara emergência em saúde pública por coronavírus**. Disponível em: <<https://bitly.com/vvDLD>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

NICOL, Sarah. Cyber-bullying and trolling. **Youth Studies Australia**, v. 31, n. 4, p. 3, 2012.

OLIVEIRA JÚNIOR, I. B. de; MAIO, E. R. “Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais”: o discurso inaugural no “desagendamento” do kit gay do mec. **Revista e-Curriculum**, v. 15, n. 1, p. 125, 2017.

PESSOA, G. S.; VICENTINI, R. **Mortes triplicam no centro-oeste e país fecha junho com 59 mil óbitos**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/30/coronavirus-covid-19-atualizacao-casos-mortes-30-junho.html>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ROBERTS, M. **Tratamento para coronavírus: cientistas britânicos dizem ter comprovado 1ª droga eficaz para reduzir mortalidade por covid-19**. BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53068028>>. Acesso em 30 de junho de 2020.

ROXO, M. A.; MELO, S. Hiperjornalismo: Uma visada sobre fake news a partir da autoridade jornalística. **Revista Famecos**, v. 25, n. 3, p. 30572, 2018.

RUPRECHT, T. **A transmissão do coronavírus por pessoas assintomáticas e pré-sintomáticas**. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/a-transmissao-do-coronavirus-por-pessoas-assintomaticas-e-pre-sintomaticas/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SANTAELLA, L. Fake news: nem verdadeiras nem falsas? **Paternidades**, 2018.

SÃO PAULO, Prefeitura de São Paulo. **Boletim diário covid-19 no MPS**. São Paulo. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/doencas_e_agrivos/coronavirus/index.php?p=295572>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SCHRAER, R. **Mudanças naturais na estrutura do vírus podem mudar o quão infeccioso ele é e afetar o desenvolvimento de vacinas**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/05/06/coronavirus-as-mutacoes-do-sars-cov-2-que-intrigam-cientistas.htm>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

SILVA, A. C. R. et al. Covid-19, o novo coronavírus: um alerta emergencial para as principais estratégias de prevenção da saúde pública. **Scire Salutis**, v. 10, n. 2, p. 26–34, 2020.

SOUSA, D. A. F; AMORIM, A. I. R; FERNANDES, B. S; de VASCONCELOS, W. G. I; & ANTONIUTTI, C. L. **Fake news: um estudo inicial acerca da propagação, disseminação e impacto nas redes sociais digitais**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. **Anais...Juazeiro: Intercom**, 2018.

TAVARES, L. P.; JÚNIOR, F. L. de O.; MAGALHÃES, M. Analysis of President Jair Bolsonaro’s speeches in the midst of the pandemic: is the coronavirus just a “little flu”? **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.

TEAM, R. Core et al. R: **A language and environment for statistical computing**.

2013.

VALENTIM, F. Fact-checking como possível ferramenta qualificadora do debate público. **Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança**, v. 2, n. 1, p. 197–215, 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making (Council of Europe report DGI, 2017). Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disordertoward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

WE ARE SOCIAL. **Global digital report 2019**. Disponível em: <<https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>>. Acesso em: 30 jun. 2020.